



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ANA FERREIRA DA SILVA

**REFLEXÕES ACERCA DA FELICIDADE NA ÉTICA A NICÔMACO DE
ARISTÓTELES**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

ANA FERREIRA DA SILVA

**REFLEXÕES ACERCA DA FELICIDADE NA ÉTICA A NICÔMACO DE
ARISTÓTELES**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico – apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB – como
requisito parcial à obtenção do título
de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Professor Ms.
Wandenberg de Oliveira Coelho

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Ana Ferreira da
Reflexões acerca da felicidade na ética a Nicômaco de
Aristóteles [manuscrito] / Ana Ferreira da Silva . - 2014.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Wandenberg de Oliveira Coelho,
Departamento de Filosofia".

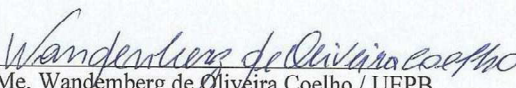
1. Filosofia 2. Ética 3. Felicidade 4. Existência I. Título.
21. ed. CDD 170

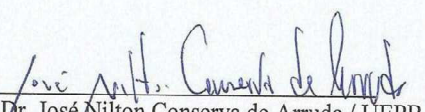
ANA FERREIRA DA SILVA

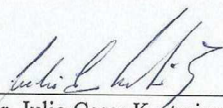
Reflexões acerca da felicidade na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 03/12/2014.


Prof. Me. Wandemberg de Oliveira Coelho / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho ao meu querido filho Victor Hugo, meu grande companheiro que teve paciência de esperar o momento para sairmos para passear. A minha família que sempre esteve ao meu lado, em especial ao meu pai Sr Apolônio pelos cafés da tarde. Dedico também aos meus amigos especiais bem como a mim mesma por acreditar que os sonhos podem e devem ser realizados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que em todas as horas esteve ao meu lado e sempre estará.

Agradeço a minha família e alguns amigos especiais que fazem parte da minha vida cotidiana.

Agradeço especialmente ao meu filho Victor Hugo pelas diversas graças quando se preocupava comigo por estudar até tarde da noite.

Agradeço ao Professor Ms. Wandenberg de Oliveira Coelho pela disposição em me orientar neste trabalho, bem como aos demais professores que compõem minha banca examinadora: professores Dr. Julio Cesar Kesting e Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

E por fim, agradeço aos meus professores do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais que sempre estiveram presentes ao longo de minha graduação. Obrigado por tudo!

“Ocupar-se com as coisas divinas, vimos, é a definição aristotélica da filosofia primeira e, assim, o mais virtuoso e o mais feliz dos humanos é filósofo”.

Marilena Chauí

RESUMO

O problema em torno das questões sobre o que é a felicidade e se é possível o homem ser feliz ao longo dos tempos são perguntas feitas e refeitas na mesma base, buscando por respostas igualmente recorrentes às máximas excelentes da existência. A felicidade tem sido, de fato, a grande busca da humanidade. Afinal, qual é o ser humano que não visa ser feliz? Partindo desses questionamentos, o presente trabalho busca no que concerne ao tema da felicidade, uma reflexão teórica da obra *Ética a Nicômaco* do filósofo grego Aristóteles mediante a atualidade. A perspectiva é a de destacar apenas o livro I da referida obra, do qual partiremos e no qual buscaremos a fundamentação da nossa temática. Portanto, o trabalho tem como ideia norteadora identificar e destacar no livro I da *Ética a Nicômaco* a questão da felicidade, contextualizando-a para além do âmbito da antiguidade clássica, relacionando-a com a atualidade. Pretendemos também diante do caminho proposto por este filósofo estagirita refletir como o homem viverá bem sendo importante atingir a felicidade. Assim, para que, de fato, possamos alcançar a felicidade mesmo que os problemas nos circundem, é necessário voltar nosso olhar e as nossas ações para as coisas reais e concretas da vida.

PALAVRAS – CHAVE: Ética. Felicidade. Existência.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa no que concerne ao tema da felicidade, uma reflexão teórico-comparativa da obra *Ética a Nicômaco* com a atualidade. A perspectiva é a de destacar, para esse escopo, a referida obra, do qual partiremos e no qual buscaremos a fundamentação da nossa temática. Portanto, este trabalho tem como ideia norteadora identificar e destacar na *Ética a Nicômaco* a questão da felicidade; contextualizando essa temática para além do âmbito da Antiguidade clássica, relacionando-a com a atualidade.

Visto que Aristóteles mostra que o caminho para se chegar à felicidade é difícil e que consiste no propósito de toda uma existência (por meio da busca incessante pelas virtudes), estabelecemos aqui a tentativa de buscar compreender quais caminhos o ser humano atual deve igualmente percorrer para tentar aceder à felicidade. Observamos, na evidência disso, que a obra aristotélica apresenta um problema que, ainda hoje, pode ser considerado de grande atualidade e envolto em muita discussão: a felicidade. Podemos, com efeito, nos perguntar: o que é a felicidade? É possível o homem ser feliz? Como?

O problema em torno a estas questões é, portanto, possível e mantém-se presente; uma vez que, ao longo dos tempos, estas são perguntas feitas e refeitas na mesma base, buscando por respostas igualmente recorrentes quanto às máximas excelentes da existência. A felicidade tem sido, de fato, a grande busca da humanidade. Afinal, qual é o ser humano que não visa ser feliz?

Partindo, pois, desses questionamentos, ficaremos com o pensamento e com as reflexões do filósofo Aristóteles. O mesmo considera a felicidade como O Sumo Bem, o qual só se poderá alcançar por meio das boas ações. São as nossas boas práticas que nos tornarão gente de bem; e que, conseqüentemente, nos trarão felicidade. Esta, como mesmo nos diz Aristóteles, não está ligada aos bens materiais, embora alguns desses bens possam nos conferir ensejo à mesma.

Numa exposição geral, nesse contexto, dois bens de naturezas distintas nos são apresentados pelo filósofo: o bem material e o bem espiritual. Diante desses bens, para alguns, a felicidade consiste no uso dos prazeres, nas honrarias, nas riquezas e no gozo das coisas materiais. Contudo, para Aristóteles, o termo *bem*, enquanto substância, a despeito de suas muitas acepções, seria a alma, a própria essência do ser. E, enquanto as qualidades dessa substância referirem-se às virtudes haverá uma vida virtuosa e propensa à felicidade. Em relação a estes bens, os mesmos em excesso podem ser, no entanto, prejudiciais.

Por outro lado, poderíamos nos perguntar se estes bens não seriam apenas ideias. Ora, uma vez que Aristóteles rompe com o pensamento platônico, ele admite que seriam enquanto tais ideias inúteis, caso fossem apenas ideias. O bem, posto isso, é algo real, concreto. Observamos que diferentemente do bem platônico, Aristóteles nos apresenta este bem como sendo um bem subjetivo, atuado e realizado; ou seja, algo de bom, de virtuoso feito em nós. Algo melhor de nós mesmos, a nos reverter à felicidade.

Ao longo desse trabalho pretende-se entrever todo o caminho proposto por este filósofo estagirita para que o homem possa, enfim, viver bem e, portanto, atingir a felicidade. Poderemos, de fato, alcançar a felicidade, mesmo que os problemas nos circundem. Deveremos, contudo, voltar o nosso olhar e a nossa ação para as coisas reais e concretas da vida.

Este trabalho é de suma importância para o campo acadêmico, visto que de um lado trata de uma questão própria da busca do ser humano, ou seja, a felicidade;

e por outro lado, este não busca fechar a discussão sobre esta temática, mas a partir destas páginas possibilitar uma reflexão da obra de Aristóteles.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A FELICIDADE COMO UM BEM DESEJÁVEL

Sendo algo intrínseco ao ser humano, a felicidade é buscada por meio de inúmeras formas. É bastante comum perceber o quanto as pessoas modificam-se em aparência física e estética para poderem se sentir felizes. Diante de toda cultura onde predomina a aparência sobre a essência, o bem que passa sobre aquele que permanece, resulta num questionamento: será possível o ser humano alcançar este estado de felicidade?

Percebendo que todos a buscam e nem todos conseguem assimilar o que ela é realmente, é que ela vem despertando discussões sobre a possível possibilidade de ser alcançada.

Salientamos que refletir sobre esta temática da felicidade não é algo específico aos estudiosos do assunto, visto que é difícil encontrarmos algum especialista em felicidade até por ela ser um estado de ânimo do ser humano. Muitos foram os estudiosos que refletiram sobre o tema da felicidade ao longo da história da filosofia, a saber: Epicuro, Sêneca, Aristóteles, entre outros.

Para os epicuristas, é através do prazer, ou seja, pelas satisfações dos desejos que se alcança a felicidade. Vale lembrar que mediante a ética epicurista os prazeres estão relacionados ao corpo e a alma. Estes, por sua vez, são causas de sofrimentos e geradores de ansiedade. Com isso, será preciso uma moderação de como estes prazeres estão sendo aproveitados para que a alma permaneça imperturbável. Ou seja, a felicidade segundo esta corrente filosófica decorre do prazer que nasce da saúde do corpo e da serenidade do espírito.

Para os estoicistas será a aceitação do nosso próprio destino que nos possibilitará uma vida feliz. Ou seja, para se chegar a esta vida feliz é necessário chegar a *ataraxia*, ou seja, a impertubabilidade da alma.

Enfim, é nítido perceber os inúmeros caminhos a nós propostos por estes estudiosos que refletiram sobre a felicidade em épocas distintas. Optaremos, no entanto, pelo pensamento filosófico de Aristóteles tomando por base sua obra *Ética a Nicômaco*.

Aristóteles nasceu em Estagira no ano de 384 a. C. Ainda criança perdeu o pai que se chamava Nicômaco. Aristóteles em sua juventude ao mudar-se para Atenas entrou na academia de Platão permanecendo nesta, vinte anos, mesmo distanciando do seu mestre no que corresponde a sua doutrina filosófica. Deixa a academia após a morte de seu mestre que faleceu em 347 a. C. Fundou uma escola no monte Liceu após retornar a Atenas em 335 a. C. Esta escola era chamada de escola peripatética. As aulas desse estagirita eram ministradas enquanto estava caminhando, recebendo assim o nome de peripatético (do grego: passear, andar em redor). Nesta escola eram encontrados cursos regulares nos turnos manhã e tarde. O filósofo faleceu no ano de 322 a. C, em Cálcia. Autor de várias obras, das quais podemos dividir em três grupos, a saber: obras teóricas, obras poéticas e obras morais. Dentro destes grupos de obras aristotélicas se encontram obras como: *O Organon*; *A Política*; *Ética a Nicômaco*, entre outras.

Ao lermos a obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco* percebemos que a mesma se encontra dividida em dez capítulos. Aristóteles ao escrever esta obra da qual recebe o nome de seu filho, por estar preocupado com a educação do mesmo e por sua vez, com sua felicidade.

Salientamos também que um segundo ponto do qual deve ser feito uma ressalva é que Aristóteles também tinha a intenção de que o povo da *Pólis* refletisse sobre as suas ações e que colocasse a razão acima das paixões e buscasse a felicidade seja individualmente ou coletivamente.

Segundo pesquisadores, a definição de felicidade na obra *Ética a Nicômaco* já é definida no livro I da referida obra, mesmo o conceito perpassando todos os X capítulos que a compõem.

Segundo Aristóteles (2008, p. 30, aspas do autor),

A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delos: “Das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos”. Todos esses atributos estão

presentes na mais excelentes atividades, e entre essas – a melhor - , nós a identificamos com a felicidade.

Ao perguntarmos sobre o que é a felicidade, percebemos o vasto panorama encontrado para responder a determinado questionamento. Pode-se deduzir, no entanto, que ela tem sido a grande busca da humanidade. Com isso, qual o ser humano que não busca uma vida feliz?

Encontramos ao longo da obra de Aristóteles alguns conceitos que estão associados à felicidade, a saber, “fim”; “tarefa” e “virtude”. A primeira corresponde à finalidade de algo, ou seja, diz respeito ao caráter teleológico que tanto descrevem os pesquisadores de Aristóteles. Podemos identificar então que a busca da ética sempre será a busca de um fim, este correspondente ao homem.

Como podemos encontrar no início da obra aristotélica, todas as atividades humanas visam a alguma forma de bem. Alguns bens são subordinados a outros. O bem que se é buscado por Aristóteles é, na verdade, “[...] a finalidade em todas as ações e propósitos, pois é por sua causa que os homens realizam tudo o mais” (2008, p. 25).

Poderíamos nos perguntar sobre qual a ideia de bem para o filósofo estagirita. E como resposta teríamos que o bem aristotélico seria um bem supremo. Ou seja, ele é “[...] claramente algo absoluto. Portanto, se há somente um fim absoluto, será esse o que estamos procurando; e se há mais de um, o mais absoluto de todos será o que estamos buscando” (2008, p. 25).

Este bem supremo é a felicidade. E mais, como o próprio Aristóteles afirma, “[...] parece que a felicidade, acima de qualquer outra coisa, é considerada como esse sumo bem” (2008, p. 25).

Para Paixão (2002, p. 66, aspas do autor), “a ‘felicidade’, sendo o bem supremo, é um bem considerado bom por si mesmo, e não por outra coisa”.

Adentrando no pensamento aristotélico no livro I de sua ética, vemos que o caminho para se chegar a felicidade é bastante difícil. O filósofo nos alerta que só poderemos chegar a ela por meio das virtudes. Assim, Aristóteles nos mostra neste livro I os contrários, ou seja, ele nos convida a refletir sobre os Vícios e as Virtudes.

Este nos mostra mediante a felicidade que “[...] o que constitui a felicidade são as atividades virtuosas, e as atividades viciosas nos conduzem à situação oposta” (2008, p. 33).

Com isso, o vício como oposto as virtudes seria algo repetitivo que degenera ou causa algum prejuízo ao viciado e aos que com eles convivem. Com o vício, começamos por repetir ações sem pensar. Ou seja, estes vícios podem nos causar angústias e dores, dos quais serão prejudiciais a nós mesmos e aos demais que estiverem convivendo conosco. As bebidas, os jogos, o sexo, as comidas, o computador em excesso, são apenas alguns exemplos de vícios.

Podemos ainda tomar outros exemplos, a saber: as pessoas vivem num mundo de correria exagerada neste cotidiano considerado descartável. As pessoas hoje não param para refletir sobre o seu bem estar nem tão pouco sobre o bem estar de sua família, do próximo. Há também os que fumam e não respeitam quem se encontra ao seu lado; os que usam drogas; os que têm o prazer em ferir o próximo, ou mesmo quem ingere álcool exageradamente, fazendo assim o fim de uma vida inteira.

No entanto, por outro lado, se compreendermos a natureza das virtudes poderemos compreender a natureza da felicidade, pois o vício nos enfraquece. Uma vez que os vícios não constituem a felicidade, tornam desvios do caminho para conquistá-la. Mas se o homem age na busca de ações que são conforme a virtude, este é feliz por toda a vida.

[...] a virtude que devemos examinar é a virtude humana, pois o bem e a felicidade que estamos buscando são o bem e a felicidade humanos. Entendemos por virtude humana não a do corpo, mas a da alma; e também dizemos que a felicidade é uma atividade de alma (ARISTÓTELES, 2008, p. 37).

Diferentemente dos vícios, as virtudes nos fortalecem, pois podemos usá-las no nosso cotidiano. Usando como exemplo coisas simples, coisas que se tornarão hábito ao praticarmos sempre. Ou seja, ajudar um orfanato como voluntário ou voluntária; dar assistência a quem precisa de nós; tudo isso terá bons resultados se

praticados visando o bem estar e não por aparências, pois a virtude é algo valioso em si.

Ao praticarmos o bem teremos este bem como recompensa e poderemos também criar o hábito de olharmos para as coisas simples, como observar o céu e suas estrelas; o universo com sua plenitude, e os primeiros passos de uma criança. Tudo isso nos faz refletir sobre o bem e sendo assim, chegaremos ao estado pleno, ou seja, a felicidade e seus benefícios.

Ao pensarmos sobre os nossos desejos, devemos ter em mente que estes, como nos apresenta Marilena Chauí (2002, p. 444), são “[...] nossa inclinação natural para buscar o prazer e fugir da dor, segundo o modo como somos afetados pelos objetos na sensação, ou conforme os imaginamos segundo suas imagens retidas na memória”. Os vícios nada mais são que a falta de medida ou de moderação de nossas ações.

A virtude e o vício se relacionam com as mesmas coisas, ou seja, o filósofo nos aponta que existem três objetos de escolha e três objetos de rejeições, a saber: De um lado temos o “nobre”, o “vantajoso”, o “agradável” e, por outro lado, temos o seu contrário, ou seja, o “vil”, o “prejudicial” e o “doloroso”. Aristóteles nos mostra que em relação a estes o homem bom tenderá ao que é certo e o homem mau sempre tenderá aquilo que é errado.

Podemos perceber que a virtude se relaciona estreitamente com as paixões e com as ações. Ou seja, enquanto que pelas paixões o ser humano acaba sofrendo; com as virtudes eles começam a saber lidar com elas.

Diante do exposto até este momento, entendemos que a virtude é uma disposição de caráter relacionada às nossas escolhas, sejam em relação às ações ou as paixões. Vale salientar que a virtude deve ser mostrada através das ações.

“O bem ético pertence ao gênero da vida excelente e a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida” (CHAUÍ, 2002, p. 442).

Com isso, podemos dizer que a felicidade seria uma atualização das condições humanas através da razão. Por ser uma atividade do cotidiano em consonância à virtude, a felicidade não é uma maneira de ser conseguida uma vez e pronto, ela deverá ser sempre buscada diariamente. Sendo assim, “[...], a ação ética

pertence ao gênero das ações que têm em si mesmas sua finalidade e que se referem ao possível” (CHAUÍ, 2002, p. 443).

Vale lembrar que como afirma Aristóteles, “a alma é constituída de uma parte racional e de outra privada de razão” (2008, p. 37). Ou seja, esta parte privada de razão seria os nossos instintos. Podemos observar ao ler a *Ética a Nicômaco* que o filósofo aponta que a virtude tem uma divisão, ou seja, ela se divide em virtudes intelectuais e virtudes morais.

Enquanto o primeiro tipo de virtudes corresponde à sabedoria filosófica, a compreensão, a sabedoria prática; o segundo tipo de virtudes diz respeito à liberalidade. Podemos exemplificar estas virtudes da seguinte forma: As intelectuais correspondem à “sabedoria”, à “inteligência” e à “verdade”. Já as morais, temos a coragem, a generosidade, a doçura, a amizade e a justiça.

Quando pensamos a alma irracional, percebemos que esta seria a parte que tem nos vegetais e também nos animais. A função nutritiva tem em comum com os vegetais e a função perceptiva tem em comum com os animais.

A alma racional, ao contrário, é a que nos diferencia dos outros seres. As virtudes intelectuais e morais estão ligadas à razão. Já por alma vegetativa temos que a mesma seria responsável pela geral, ou seja, nossa nutrição e pelo crescimento dos seres vivos. A alma racional capta a forma inteligível.

Tendo em vista que a alma racional dividindo-se em duas partes, observamos que de um lado, a virtude intelectual é aquela que se encontra ligada a nossa inteligência. Esta virtude consiste na capacidade de aprender o conhecimento por meio do diálogo e da reflexão para buscar o verdadeiro conhecimento. Ela seria aquela que nasce e progride graças aos resultados da aprendizagem e da educação.

Por outro lado, a virtude moral é a ação ou o comportamento moral. Ou seja, esta virtude seria o hábito que é considerado bom de acordo com sua ética. Sendo assim, as ações devem ser praticadas não apenas por parecerem conectas, mas porque, através dessas ações o homem conquistará a própria felicidade.

Enquanto pessoas pensantes o ser humano deve optar pelas ações adequadas, exercitadas em contexto ético e moral, para poderem materializar o bem, e alcançar assim a felicidade.

Salientamos que a virtude moral não é gerada em nós por natureza, mas é o resultado do hábito em que nos torna capaz de praticar atos justos. Para Aristóteles

esta virtude moral nada mais é do que uma disposição mediana, ou seja, leva o homem a ter comportamentos moderados. A virtude é mediana porque visa o meio termo. No próximo tópico veremos como o ser humano pode chegar à felicidade por intermédio das virtudes.

2.2 DA VIRTUDE À FELICIDADE

No primeiro tópico foi descrito a felicidade como um bem desejável. Neste segundo tópico vamos perceber o processo existente da virtude à felicidade. Esta questão da felicidade tanto almejada pelo ser humano vem desde a antiguidade, ou seja, “a felicidade é um antigo problema de toda a cultura grega em todas as suas experiências de pensamento, quer no mito, na poesia, na filosofia, na religião, na mística, quer na dança, na música, nas artes” (PAIXÃO, 2002, p. 13).

Compreende-se que para se ter uma vida dita feliz não se faz necessário muita coisa, tendo apenas a virtude. Esta pode-se dizer que não pode ser vendida e nem trocada. A virtude como descrevem os estóicos seria “uma disposição da alma coerente e concorde, que torna dignos de louvor aqueles em que se encontra e é louvável por si mesma independentemente de sua utilidade” (ABBAGNANO, 2007, p. 1003).

Percebe-se que em Aristóteles existe uma dissociação entre virtude e felicidade, pois a felicidade não é uma virtude e sim uma consequência da virtude. Existe um conjunto de virtudes. Com isso, identifica-se que a felicidade não é ter riqueza e bens materiais, pois estes seriam apenas meios para alcançar felicidade.

Para Paixão (2002, p. 50), “além disso, os homens são honrados por sua virtude, de modo que esta é anterior à honra. Esta é uma espécie de prêmio concedido aos homens por sua virtude”.

Se perguntarmos sobre o que seria a virtude, teríamos como resposta que ela é a medida entre os extremos, ou seja, ela é moderação. Segundo Aristóteles, “a virtude é uma disposição constante para agir de um modo deliberado, consistindo numa medida relativa a nós, racionalmente determinada e tal como seria determinada pelo homem prudente”.

Devemos ter em mente que a virtude não é uma inclinação assim como o desejo, e sim, uma disposição do ser humano. Ou seja, ela é uma disposição do caráter constante do agir conforme a medida humana. A virtude seria, no entanto, ação, hábitos que são constantemente aprimorados.

Aristóteles considera a virtude como um justo meio. Este seria um caminho, dito ético, para a excelência, ou seja para a felicidade. Podemos ter em mente de que a justa medida apresentada por Aristóteles vem ser o fundamento da virtude ética, visto que este seria uma virtude que se encontra na medida mais justa entre dois extremos; A virtude que orienta e determina esse meio termo entre o equilíbrio e a coragem é a prudência, e é este meio termo que vai nos apontar o caminho da excelência.

O justo meio seria um meio termo entre os extremos, bem como, termos uma escolha justa, correta, por meio de discernimentos e sendo cada vez mais encaminhada pela prudência.

“[...] a felicidade também deve ser partilhada por grande número de pessoas, pois quem quer que não esteja mutilado em sua capacidade para a virtude pode conquistá-la por meio de um certo tipo de estudo e esforço” (p. 31). No mais, devemos perceber segundo a citação de Aristóteles que a virtude é uma conquista e uma construção da nossa excelência.

Tendo em vista de que a felicidade só é alcançada através da virtude, e ela resulta mais de um esforço do que propriamente do acaso. Ou seja, o acaso apenas fornece ao ser humano os instrumentos para poder ele chegar ao viver bem e agir bem. Devemos salientar que a virtude é essencial à Felicidade, pois será por meio dela que poderemos alcançar o que tanto desejamos, a felicidade.

É bom lembrarmos que as virtudes que são peculiares ao ser humano são as da alma. Aristóteles nos aponta o que é e o que não é preferível ao homem feliz, ou seja, três coisas: Aquilo que são preferíveis ao ser humano corresponde aquilo que é bom, o que é proveitoso e o que lhe é agradável. No entanto, ele evita aquilo que é feio, o que é prejudicial e o que lhe aflige porque esses males não nos trazem a infelicidade.

O meio termo pode ser visto como:

Justo meio, meio-termo, entre os extremos, que segundo Aristóteles, pode ser definido em relação às coisas ou em relação a nós: “Se cada ciência cumpre bem o seu papel quando visa ao justo meio e orienta suas obras para ele (donde se costuma dizer que nas boas obras nada se tem que tirar nem acrescentar, portanto o excesso e a falta arruinam o bom, enquanto o justo meio o salva), se os bons artistas trabalham com vistas a esse meio-termo, a virtude, que assim como a natureza, é mais acurada e melhor que qualquer arte, deverá tender precisamente para o justo meio. (ABBAGNANO, 2007, p. 758).

O justo meio é também chamado meio termo entre os extremos. O justo meio é a definição apenas da virtude ética ou moral porque só ela diz respeito às paixões ou às ações susceptíveis de excesso ou deficiência.

Salientamos que este meio termo não é único nem tampouco o mesmo para todos. Em relação ao meio termo temos que dizer que não é o único para todos. Podemos perceber essa relação, ou seja, esse modo de agir em uma sala de aula quando temos um grupo de alunos especiais e cada um com seu tempo de aprendizagem. Não podemos usar o meio termo para todos, pois os especiais precisam de mais tempo para alcançar seus objetivos.

Como exemplos de meio termo temos: uma criança especial terá maior dificuldade em realizar certas tarefas precisando assim de mais atenção, ou seja, o meio termo não se aplicaria para determinadas situações.

Lembramos que a virtude deve ter a qualidade de visar ao meio termo. Assim, a virtude é uma disposição de caráter relacionada com as ações e paixões. Ela é um meio termo entre dois vícios.

Com isso, temos em mente alguns exemplos correspondentes à Temperança e à Intemperança. Vejamos: Ser temperante ou fazer uso da temperança nos ajuda a ter discernimentos. Assim, podemos contentar-nos com o que é necessário, nem tão pouco nem muito e sim, o que nos sacia que nos conforta. Como exemplo de temperança temos a comida que devemos comer para saciar nossa fome e não para ficarmos escravo dela a ponto de adoecermos pelo exagero.

No caso da Intemperança esta nos leva ao não discernimento causando assim a excessividade e a obsessão, ou seja, o vinho que é recomendado em alguns casos como terapia medicinal, mas ao tomarmos em excesso podemos então ficar na condição do alcoólatra, prejudicando assim nossa saúde.

Mediante o meio termo aristotélico, adentramos naquilo que reflete o filósofo ao tratar dos prazeres e das dores. “[...] De fato, julga-se que ele está intimamente relacionado com a nossa natureza humana, e por isso, ao educar os jovens, usamos os lemes do prazer e do sofrimento para nos guiar” (ARISTÓTELES, 2008, p. 216).

Este pensador grego nos mostra que o prazer seria uma atividade desimpedida do nosso estado natural, bem como este prazer seria um bem, visto que o mesmo seria contrário a dor que nos causa coisas ruins. O prazer seria um bem, pois todos buscam o mesmo sejam homens ou animais.

No entanto, a mesma coisa que nos dá prazer também pode nos causar sofrimento. Exemplo: Uma paixão mal resolvida ou um envolvimento amoroso o qual não refletimos sobre ele e agimos por impulso pelo momento ou seja no presente sentiremos prazer mais ao depararmos com os acontecimentos veremos que só trouxeram dores.

“A felicidade, [...], não está na recreação; e seria mesmo estranho que a recreação fosse à finalidade última da vida, e um homem devesse esforçar-se e suportar dificuldades durante toda a vida simplesmente para divertir-se” (ARISTÓTELES, 2008, p. 228). Aristóteles nos mostra em seu livro X um lugar para o prazer na felicidade. Ou seja, o prazer mediante uma atividade digna é um prazer bom, diferente do prazer em meio a uma atividade indigna do qual é um mau.

O prazer seria algo perfeito, completo e próprio do nosso estado natural. Além de aperfeiçoar toda a atividade prazerosa. Diante da felicidade, só podemos pensar a vida feliz, segundo nos mostra Aristóteles, conforme a virtude. Então, “uma vida virtuosa exige esforço e não consiste em divertimento. [...] a felicidade não está em passatempos e divertimentos, e sim nas atividades virtuosas [...]” (ARISTÓTELES, 2008, p. 228).

Para o filósofo estagirita a mais agradável das atividades virtuosas se encontra na atividade da sabedoria filosófica. A partir dessa atividade é que poderemos alcançar a felicidade. Ou seja, o ser humano chegará ao sumo bem (felicidade) por intermédio da razão (filosofia), desprezando as volúpias para prosseguir buscando o que tanto deseja.

3 CONCLUSÃO

Consideramos a partir do exposto que a definição de felicidade nada mais é do que a atividade da alma conforme a virtude. A doutrina aristotélica sobre a virtude se entrelaça com a felicidade. Esta é identificada como uma finalidade do ser humano. Ou seja, a felicidade é inerente ao homem. Assim, para a felicidade é preciso não apenas ter virtude completa, mas sim uma vida completa.

Mediante uma vida completa, o homem tido feliz será aquele que vive bem e age bem, isso tudo tendo em vista que a definição de felicidade perpassada em todo o artigo foi de que a mesma seria uma espécie de boa vida e boa ação. Sendo assim, ser feliz é fazer uso da razão e fazer com que o uso dessa racionalidade se torne uma virtude. Ou seja, a felicidade se dá a partir do pensar, do refletir.

Em suma, a felicidade apresentada pelo filósofo que optamos para trabalhar neste artigo, não é um bem que se realiza totalmente, visto que a mesma deve ser buscada constantemente na ação de viver. Assim, vemos que a felicidade não é simplesmente a realização de todos os nossos desejos, mas sim, a noção de que podemos nos satisfazer, com nossas reais possibilidades. Daí, todos a procuram, nos mais variados lugares e das mais diferentes formas.

Ao longo destas páginas, observamos todo o caminho proposto por este filósofo para que o Homem possa viver bem e, portanto, atinja a felicidade. É nítido perceber que de fato, poderemos alcançar a felicidade, mesmo que os problemas nos circundem. Mas, deveremos voltar o nosso olhar para as coisas reais e concretas da vida.

ABSTRACT

The problem around questions about what happiness is and if it is possible for man to be happy over time questions are made and remade on the same basis, searching for answers equally recurring to the great maxims of existence. Happiness has been, in fact, the great quest of mankind. After all, what is the human being who doesn't want to be happy? From these questions, the present work seeks in respect to the topic of happiness, a theoretical reflection of the work *Nicomachean Ethics* of the Greek philosopher Aristotle through the present time. The perspective is to highlight just the book I of the work, whose we'll leave and seek the reasons of our theme. So this job has for guiding idea identify and highlight in Book I of the *Nicomachean Ethics* the question of happiness, contextualizing it beyond the scope of classical antiquity, relating it to the present. We also intend in front of the way proposed by this estagirita philosopher to reflect how man will live well being important to achieve happiness. So that, in fact, we can achieve happiness even though the problems to circle us, it's necessary to return our look and our actions to the real and concrete things of life.

KEY - WORDS: Ethics. Happiness. Existence.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasseti. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008 (Coleção a Obra prima de cada autor, v. 53).

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, v. 1.

BAMES, Jonathan (org). **Aristóteles**. Tradução de Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, (Coleção Companions & Companions).

HOURDAKIS, Antoine. A “etologia” da educação. In: _____. **Aristóteles e a educação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2001, p. 49 – 65.

WOLF, Ursula. **A ética a Nicômaco de Aristóteles**. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola, 2010.

FONTES CONSULTADAS

PAIXÃO, Márcio Petrocelli. **O problema da felicidade em Aristóteles**: a passagem da ética à dianoética aristotélica no problema da felicidade. Rio de Janeiro: Pós-Moderno, 2002.

STIRN, François. **Compreender Aristóteles**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VASCONCELOS, Ana. **Manual Compacto de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Rideel, 2011.